

S Ó A U N I D A D E E A L U T A

N O S L I V R A R ã O D A F O M E E D A M I S É R I A !

Entramos o ano de 1948 com mais de 30.000 camponeses alentejanos sem trabalho. Entramos o ano de 1948 com o governo a comprar trigo no estrangeiro por altos preços, ao mesmo tempo que grande parte da terra alentejana, donde se poderia colher o trigo suficiente para o abastecimento do país, está a ser abandonada e a transformar-se em charneca e em terras de pasto.

Entramos o ano de 1948 com a certeza de que o salazarismo continuará a empobrecer o país, a favorecer os grandes senhores da terra e a não resolver a situação dos camponeses pobres e remediados.

Este é o quadro geral que o salazarismo nos oferece.

Mas isto quer dizer que esta situação não se pode modificar? A esta pergunta nós respondemos que a situação se pode modificar. Para isso, bastará que a classe camponesa continue a lutar unida contra a exploração e a miséria.

Para que a fome desapareça dos campos e das cidades é preciso que as terras abandonadas sejam cultivadas. E se os agrários se negarem a semeá-las, é preciso exigirmos a sua distribuição pelos camponeses sem terra, pelos rendeiros, pelos seareiros e pelos pequenos proprietários. Nós a semearemos e transformaremos as charnecas em terras fartas de trigo. Mas não basta entregar a terra. É preciso também que aos camponeses pobres sejam concedidos créditos baratos, boas sementes e adubos. Estas são as medidas que acabarão com o desemprego, que nos darão a fartura e a prosperidade a que temos direito.

Qual será o caminho a seguir para a conquista destas aspirações? Em primeiro lugar, assegurar a UNIDADE entre a classe camponesa, entrar abertamente no caminho da luta, e estreitar ainda mais a UNIDADE entre os trabalhadores do campo e da cidade na caminhada para a libertação do povo português. Em segundo lugar, lutar pela instauração em Portugal dum governo democrático que defenda os interesses do país e do povo. Na luta para a conquista dos nossos direitos e por uma vi da melhor, torna-se necessário realizar as seguintes tarefas imediatas:

Lutar contra o desemprego, realizando concentrações de desempregados nas Casas do Povo e junto das autoridades exigindo trabalho no campo e a abertura das obras que os ministros prometeram e só realizaram nas localidades mais importantes. Na luta contra a ruína dos seareiros, rendeiros e pequenos proprietários é preciso também que se organizem concentrações nas Casas do Povo, junto das autoridades e dos grandes agrários que tenham terras abandonadas, exigindo terra, sementes, adubos e créditos baratos.

Nas concentrações nas Casas do Povo, os camponeses assalariados, os seareiros e os rendeiros devem eleger Comissões conjuntas para ir ao ministro da Economia exigir trabalho, terra e ajuda do governo para a cultivar. As Comissões devem mostrar ao ministro como a terra está abandonada. Devemos dizer-lhe quantos camponeses estão desempregados e há quanto tempo não trabalham. Devemos dizer-lhe que as terras abandonadas poderão produzir o trigo suficiente para o país se forem semeadas. Devemos dizer-lhe que se os agrários se negarem a semeá-las nós estamos prontos a trabalhá-las.

Estas Comissões devem formar-se por todo o Alentejo. E quando formos ao ministro devemos procurar que as direcções das Casas do Povo nos acompanhem. Mas se estas se negarem, nem por isso as Comissões devem deixar de ir. Com ou sem as direcções das Casas do Povo, é preciso ir ao governo exigir-lhe que resolva a situação.

Este é o caminho da conquista das nossas aspirações, para a conquista duma vi da melhor e para acabar com a fome e a miséria.

A SITUAÇÃO DA MULHER CAMPONESA

A mulher camponesa é de todas as mulheres a que leva vida mais dura. Em geral, a mulher é muito mais explorada do que o homem. O salário da mulher anda à volta de metade do salário do homem.

Nos trabalhos agrícolas, a mulher tem uma larga participação e dela depende, em boa parte, a laboração dos campos. Entretanto, tem sido tão injustamente desprezada que nem os próprios homens, seus maridos, irmãos, pais e noivos, se têm ocupado dela como companheira de trabalho a quem é preciso defender. Dos patrões, interessados na mão de obra barata, não pode a mulher camponesa esperar outra coisa que não seja a exploração. Porém, dos seus companheiros de trabalho, dos que são da sua classe e da sua família, deve a mulher camponesa esperar ajuda na luta por melhores jornas, na luta por melhores condições de trabalho, na luta por poder

criar os filhos com mais pão, mais conforto e mais alegria.

Os camponeses têm de compreender que no seu próprio interesse devem ajudar a mulher camponesa a defender a jorna. Muitos homens ainda sentem certo orgulho em o seu salário ser o dobro do das mulheres. Não reparam que no aumento do salário das mulheres estão também os homens interessados, por duas razões: primeira, porque o salário das mulheres entra na sua própria economia, pois as camponesas são mulheres filhas, irmãs ou mães dos camponeses. Segunda, quanto mais baixo for o salário das mulheres, mais baixo será também o dos homens, pois os patrões, aproveitando o trabalho das mulheres, farão com elas concorrência aos homens. Está claro, pois, que ao homem interessa que a mulher ganhe mais alto salário.

Mas como poderão os homens do campo ajudar as suas companheiras na luta por jornas mais altas? Aconselhando-as a que se unam à luta camponesa, participando mesmo nas Comissões de Praça que, tal como todos sabemos, estabelecem o prego da jorna para cada época, para cada semana, etc., de forma a não estarem indefesas perante a vontade do patrão, sempre pronto a tirar-lhes a pele. Em vez da indiferença com que nos temos comportado para com as mulheres, é preciso lutar ombro com ombro com elas. Nas lutas do povo português pela democracia, nas lutas por uma vida mais farta e mais feliz, todos os homens e todas as mulheres do campo devem participar. Que os trabalhadores do campo, homens e mulheres, compreendam que só com a luta e a unidade a sua situação será melhorada. Que as mulheres do campo saibam que têm muito valor e que devem lutar ao lado dos homens.

Aproxima-se a época das mondas. Que as mulheres se neguem a trabalhar por jorna baixas e que os homens as apoiem nessa luta justa e necessária!

A ACTUAL INJUSTIÇA DO IMPOSTO SOBRE A TERRA

Actualmente, as pequenas propriedades, as propriedades dos pobres, são as que pagam imposto mais elevado. Um hectare de terra dum pequeno proprietário paga, em muitos casos, um imposto dez vezes maior do que um hectare dum grande proprietário, sendo a terra da mesma qualidade. O pequeno que, dada a sua falta de recursos, devia e precisava de ser favorecido, pagando menos, é o que é mais sobrecarregado. Com esta e com outras injustiças do mesmo estilo, o governo fascista de Salazar vai arruinando os pequenos proprietários e favorecendo a concentração da propriedade na mão dos grandes agrários fascistas, com prejuízo para a economia do país.

Um governo democrático levará a justiça aos campos, estabelecendo o imposto progressivo. A propriedade muito pequena não deverá pagar imposto e os outros pagarão tanto mais por hectare quanto maior for a propriedade.

É em regime de democracia e não em regime fascista que a vida dos camponeses será melhorada. Por isso, lutar contra Salazar é lutar contra a miséria, é lutar pela justiça nos campos!

GES
PCP

AS COMISSÕES DE PRAÇA ORIENTAM A LUTA!

Em Machado, a Comissão de Praça promoveu uma concentração na Casa do Povo para exigir trabalho para os desempregados. A direcção da Casa do Povo negou-se a dar providências, declarando que nada podia fazer. Os camponeses elegeram logo ali uma Comissão que foi à sede do concelho exigir das autoridades a solução da crise. Estas prometeram dar trabalho imediatamente a todos os desempregados, o que estão fazendo. Esta vitória deve-se ao espírito de luta dos valentes camponeses de Machado.

Em Montemor, as jornas são de 16\$00. Os camponeses concentraram-se na Casa do Povo e exigiram jornas de 18\$00. As autoridades prometeram subir as jornas, mas o fascista Filipe Malta procura convencê-las a não tornar obrigatória a subida da jorna. Camponeses de Montemor! Continuai a luta pelo aumento da jorna, fazendo concentrações na Casa do Povo e junto das autoridades. Se o fizerdes, conquistareis a vitória.

Também em Montemor, os trabalhadores do largo de João Rafael Mousinho, que ganhavam 23\$00, formaram uma Comissão e exigiram mais 2\$00. Agora ganham 25\$00.

Quantias recebidas para "O CAMPO" impresso:

A luta pela boa jorna	5\$00	Uma festa camponesa	102\$90	Por Chico Miguel...	16\$50
Boas searas	45\$00	5 Camponeses	2\$50	Dois seareiros	20\$00
Amigos do "CAMPO"	25\$00	Viva a democracia	5\$00	Total recebido	221\$90

CAMPO! Se arrancares as Casas do Povo das mãos do fascismo, poderás transformá-las em organismos de defesa dos teus interesses. Exige eleições nas Casas do Povo, expulsa de lá as direcções fascistas e elege homens honrados para as substituir!

Que todos os camponeses enviem dinheiro para "O CAMPO" impresso!
Que todos paguem "O CAMPO"!